



A conexão entre saúde e produção agrícola: as motivações para o retorno ao campo no Território Central do RS

Connection between health and agricultural production: motivations for returning to the countryside in the Central Territory of RS

KAUFMANN, Marielen Priscila¹; MARQUEZINI, Pedro Francisco Rubim²

¹ Universidade Federal de Pelotas, marielen.kaufmann@ufpel.edu.br; ² Universidade Federal de Santa Maria, pedrofrmarquezini@hotmail.com

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: Atualmente, ganham destaque alguns atores procedentes do espaço urbano que reocupam o rural, se dedicando a atividades agrícolas e/ou não-agrícolas, os denominados neorrurais, que veem na agricultura ecológica a forma de atender a seus anseios, de busca de uma nova concepção de vida. O objetivo deste artigo é analisar as motivações que este grupo de pessoas almejam ao se inserirem nas novas dinâmicas da produção e do consumo do setor alimentar. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação participante, entre os anos de 2014 e 2016, em cinco famílias de agricultores em processo de ecologização dos agroecossistemas no Território Central da Cidadania do Rio Grande do Sul. Os resultados indicam que este grupo de novos agricultores se dispõem a essa mudança de vida em busca por uma reconexão entre saúde ambiental e humana, pois se inserem na produção de alimentos sob o enfoque agroecológico e a criação de redes de consumo ético.

Palavras-chave: neorrurais; agricultura ecológica; produção e consumo de alimentos; agroecologia.

Introdução

Recentemente, uma série de questões tem ganhado destaque no estudo dos sistemas agroalimentares, não necessariamente ligadas ao meio rural, mas às novas manifestações de agricultura no urbano e nos entornos das cidades, assim como o consumo. Ganham destaque neste contexto, aqueles atores procedentes do espaço urbano que reocupam o rural, se dedicando a atividades agrícolas e/ou não-agrícolas, os denominados neorrurais (GIULIANI, 1990; GRAZIANO DA SILVA, 1997).

Uma parcela desses atores vê na agricultura ecológica a forma de atender a seus anseios, de busca de uma nova concepção de vida. Fialho (2005) ao discorrer sobre os novos rurais e a agricultura orgânica no sul do Brasil, relata que a preocupação desses atores não é apenas garantir a sobrevivência da família, mas, também, buscar o prazer em comer o alimento saudável resultante da própria produção, além de estabelecer formas alternativas de vínculos com o consumidor, pautados na ética e no respeito. Neste conjunto, também se enquadram pessoas que fortalecem os sistemas de comercialização locais e direta, em redes de mercados alternativos, que configuram novas possibilidades para o rural.



Este artigo pretende contribuir com as discussões acerca do papel deste grupo de pessoas que formam os denominados neorrurais, buscando analisar as motivações que almejam ao se inserirem nas novas dinâmicas de produção e consumo do setor alimentar, mobilizando ações agroecológicas no Território Central do RS. O campo de observação para realização do estudo foram cinco famílias de agricultores que se enquadram na categoria dos neorrurais e que estão num processo crescente de ecologização das atividades agrícolas.

Metodologia

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação participante em aproximadamente dez encontros, entre os anos de 2014 e 2016, em cada uma de cinco famílias de agricultores em processo de ecologização dos agroecossistemas no Território Central da Cidadania do Rio Grande do Sul. Por ocasião de uma pesquisa de avaliação de sustentabilidade em agroecossistemas, utilizando-se o método Mesmis, foi possível identificar os processos de transição agroecológica e, dentre várias experiências, selecionar algumas delas que atendem ao requisito e ao recorte que se pretende dar neste artigo, que são os neorrurais. Esta aproximação com o universo de estudo, foi possível graças ao projeto de manutenção do Núcleo de Estudos em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade da Universidade Federal de Santa Maria. As famílias que compreendem o presente estudo estão localizadas nas áreas periurbanas dos municípios de Santa Maria e Santiago.

Resultados e Discussão

Os primeiros estudos brasileiros sobre o termo neo-ruralismo (GIULIANI, 1990) descrevem este grupo de pessoas que retornam ao rural com um caráter bastante romantizado, remontando a um rural bucólico. A partir daí, Graziano da Silva (1997) aprofunda o estudo sobre os novos rurais e destaca três grandes grupos de atividades que compõem esse fenômeno: uma agropecuária moderna, baseada em commodities e intimamente ligada às agroindústrias; um conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e principalmente ao turismo e um conjunto de novas atividades agropecuárias, impulsionadas por nichos especiais de mercados. Segundo esta classificação, os agricultores analisados no Território Central do RS compõem, de uma maneira genérica, o terceiro grupo, os quais destinam-se a atividades agropecuárias impulsionadas por nichos específicos de mercados, como a agricultura orgânica ou ecológica.

Essas atividades, mais comuns na Europa, passaram a ser mais difundidas no Brasil a partir da década de 1980, quando passou a existir uma maior preocupação com a preservação ambiental e com os alimentos livres de produtos químicos, o que gerou uma maior demanda por esses nichos de mercado e conseqüentemente por pesquisas relacionadas a técnicas alternativas de produção. Graziano da Silva (1997) também os descreve como sendo pessoas com um já



razoável poder aquisitivo e com um algum conhecimento técnico e facilidade de buscar o conhecimento e a assistência técnica para produzir alimentos.

Os agricultores entrevistados na pesquisa corroboram com este dado e, por exemplo, têm uma facilidade maior quando comparados aos agricultores rurais tradicionais, a comunicar-se e informar-se virtualmente, estando conectados e familiarizados com as mídias sociais e com aplicativos de busca, por exemplo. Também são pessoas proativas, que costumam participar de eventos e projetos ligados a instituições de ensino e pesquisa, demonstrando grande interesse em inovações sociais e a experimentação.

O que se percebe, portanto, é um grupo de agricultores que vêm aumentando e que ganha cada vez mais espaço nesse novo desenho de produção e consumo, pois cada vez mais, estão conectados a estes dois mundos. Essas famílias que se movem de áreas urbanizadas para áreas periurbanas ou para o meio rural, buscam um novo estilo de vida, baseado em princípios éticos com o outro e com os recursos naturais. Estas pessoas, em muitos casos, já tinham alguma afinidade ou origem no campo, daí o interesse e inclinação natural à mudança. Nesse caminho de volta trazem a influência da cidade através de produtos e serviços não tão comuns nestes espaços.

Mesmo este sendo o panorama do caso estudado, cabe lembrar que hoje, não mais exclusivamente filhos de agricultores fazem esse caminho “de volta para terra”. Sobretudo na Europa, há um número significativo de pessoas sem vínculos com o rural, de uma variedade de origens, que se movem ao campo em busca de um estilo de vida gratificante e novas formas de ganhos econômicos (MAILFERT, 2007). À medida que a agricultura é reformulada por mudanças no sistema agrícola global, novas formas de relacionamentos entre estes novos agricultores e consumidores alternativos estão surgindo, o que pode envolver novos atores, modelos de negócios inovadores e novas geografias.

Uma reconexão entre a produção e consumo

A partir do crescimento das cidades e a formação e aumento das metrópoles, passou a se considerar uma nova forma de organização do espaço e da logística de abastecimento desses grandes centros urbanos (MACKENZIE; WILLIAMS, 2015). Neste sentido, Wiskerke (2009) aponta a necessidade de emergência de uma nova geografia alimentar que (re)significa a produção, o consumo e o próprio ato de alimentar a si e aos demais. Neste novo enfoque, as cidades e seus entornos passam a ter um papel fundamental para a produção de alimentos, assim como as redes alternativas alimentares. O movimento de volta para o campo faz parte desse processo e pode ser uma contribuição fundamental para aumentar a articulação entre o espaço rural e o urbano, contribuindo, sobretudo, no abastecimento do mercado consumidor urbano. As cadeias curtas de produção e comercialização têm como característica principal a distância física de extensão e percurso entre os produtores e os consumidores dos alimentos, em contraposição aos circuitos longos formados por cadeias industriais de abastecimento que distanciam e separam cada vez mais esses atores entre si.



Seguindo o exemplo do que ocorre em alguns locais na Europa, o Brasil, e especificamente o sul do Brasil, também apresenta experiências concretas e exitosas de uma realocação dos sistemas de abastecimento (CASSOL; SCHNEIDER, 2012). O grupo analisado também faz parte desse novo redirecionamento da produção e do abastecimento. Os agricultores produzem hortaliças, frutas e alguns processados com o destino da comercialização direta, através das feiras livres e do comércio direto, realizado diretamente no local da propriedade para o consumidor, e participam ativamente de grupos de organização e promoção de consumo conscientes e éticos, em redes regionais, como a Rede de Economia Solidária da região de Santa Maria.

Uma característica importante deste grupo dos chamados novos agricultores é a preferência por ocuparem áreas rurais mais próximas das cidades ou áreas periurbanas, geralmente não estando predispostos a viverem no chamado rural profundo, ou seja, áreas muito distantes dos centros urbanos. A justificativa para esta questão, segundo os entrevistados, é a proximidade do mercado consumidor urbano, dos espaços de lazer e de locais com fácil acesso às inovações tecnológicas, tais como internet, telefonia móvel, redes sociais, entre outras. Outro aspecto que se destaca nos relatos é a possibilidade e facilidade dessas pessoas se inserirem em redes, não apenas para a comercialização dos produtos, mas também para estreitar vínculos sociais.

Ademais, a preocupação com a qualidade biológica e nutricional do que se produz e consome é uma problemática presente e motivadora da mudança de vida do grupo de entrevistados. Essas pessoas costumam associar à esta qualidade do alimento ecológico com a saúde humana e do agroecossistema. Por isso, entendem-se parte do sistema, o que lhes permite perceber o ambiente e as suas relações com um olhar holístico. Altieri e Nicholls (2021) defendem que a Agroecologia possui fortes conexões com a promoção da saúde humana e ambiental e que são possibilidades de re-territorialização das práticas de produção e consumo. Ademais, neste artigo evidenciam a potência da agricultura urbana sob os princípios agroecológicos como promotora de soberania alimentar, ao ofertar alimentos em áreas marginalizadas, especialmente em contextos de crise, evidenciados recentemente pela pandemia do Covid-19.

A preocupação com a problemática ambiental está presente, também, no discurso dos novos agricultores do Território Central do RS, assim como a questão de saúde ligada ao alimento. Segundo os relatos, as motivações para essa mudança de vida são diversas, mas a que impera nos discursos é a necessidade de repensar os valores para se viver com qualidade (LEFF, 2006) relacionados diretamente com questões de bem-estar e saúde (este último não apenas pensando nos produtores, mas também nos consumidores). É uma mudança de olhar para o rural, que tem no centro de suas ações, uma nova concepção de saúde, primando pelo mais saudável, livre de contaminantes e nutritivo.

Ademais, são essas questões que norteiam as suas escolhas, também, relacionadas com o trabalho agrícola, pois a opção por produzir alimentos ecológicos, sob os princípios da Agroecologia é uma das consequências desse cuidado com as pessoas e com os recursos naturais. Assim, a preocupação com os alimentos destinados à comunidade local indicaria principalmente a mobilização e prevalência de uma ética do cuidado, materializada na busca por alimentos limpos e



nutritivos, bem como o conhecimento acerca de suas qualidades, benefícios e possíveis riscos para a saúde (SASSATELLI, 2015).

Conclusões

Conforme as informações obtidas com as entrevistas e as observações realizadas, pode-se afirmar que existe um grupo de famílias que se distinguem dos demais agricultores ecologistas. São pessoas, filhos de agricultores, que migraram das cidades, onde desempenhavam atividades e profissões ligadas ao urbano e passam a se dedicar a viver no espaço rural, os chamados neorrurais. Há vários indicativos nacionais e internacionais elencados neste resumo de que estes novos atores, quando se dedicam a atividade produtiva agrícola, optam pela produção de alimentos sob a perspectiva ecológica. A principal motivação para esta mudança de vida é a busca por uma reconexão entre saúde ambiental e humana, ao aliar a produção de alimentos sob o enfoque agroecológico e a criação de redes de consumo ético.

Em suma, os neorrurais representam uma força crescente na agricultura ecológica e no consumo ético, buscando uma nova concepção de vida baseada em valores, saúde ambiental e humana, proximidade com o mercado consumidor e produção de alimentos de qualidade. Suas ações contribuem para a sustentabilidade dos sistemas agroalimentares, estabelecendo novas relações entre produtores e consumidores e fortalecendo as comunidades locais.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. A.; NICHOLLS, C. I. Do modelo agroquímico à agroecologia: a busca por sistemas alimentares saudáveis e resilientes em tempos de COVID-19. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 57, 2021.

CASSOL, A. P.; SCHNEIDER, S. Produção e consumo de alimentos: novas redes e atores. **Lua Nova**, v. 5, p. 143-177, 2015.

FIALHO, M. A. V. **Agricultura familiar, produção orgânica e “novos rurais”**: um estudo de caso no sul do Brasil. Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GIULIANI, G. M. Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de ciências sociais**, v. 14, p. 59-67, 1990.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**. Nova Economia, Belo Horizonte, 1997.

LEFF, E. Ética por la vida. Elogio de la voluntad de poder. **Polis. Revista Latinoamericana**, n. 13, 2006.

MAILFERT, K. New farmers and networks: how beginning farmers build social connections in France. **Tijdschrift voor economische en sociale geografie**, v. 98, n. 1, p. 21-31, 2007.

MCKENZIE, F. C.; WILLIAMS, J. Sustainable food production: constraints, challenges and choices by 2050. **Food Security** 7:221–233, 2015.



SASSATELLI, R. Contestação e consumo alternativo: a moralidade política da comida. *Tessituras, Pelotas*, v. 3, n. 2, p. 10-34, jul./dez. 2015.

WISKERKE, J. S. C. On places lost and places regained: reflections on the alternative food geography and sustainable regional development. *International Planning Studies*, V. 14, N. 4, 369–387, 2009.